

A Bruxa é verdadeira e solitária

Copyright © 2011 Isabel Vasconcellos

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro poder ser reproduzida ou transmitida em qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer armazenamento de informação, e sistema de cópia, sem permissão escrita do editor.

Direção editorial: Júlia Bárány

Edição, preparação e revisão: Barany Editora

Projeto gráfico e diagramação: Barany Editora

Capa: Emília Albano

Foto da capa: (c) iStockphoto/Milan Zerenski

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vasconcellos, Isabel

Todas as mulheres são Bruxas / Isabel Vasconcellos - 2.ed. -- São Paulo: Barany Editora, 2011.

ISBN: 978-85-61080-13-6

1. Contos 2. Espiritualidade 3. Feminilidade 4. Misticismo 5. Mulheres - Comportamento 7. Mulheres - Condições sociais I. Título

11-09550

CDD - 305.4

Índice para Catálogo Sistemático:

1. Mulheres : Sociologia 305.4

este livro foi composto na tipologia adobe garamond pro, 12p
títulos em Gill Sans MT Ext Condensed 24pt
impresso em off set 75 g, na gráfica Neograf

Todos os direitos desta edição reservados

à Barany Editora © 2011

São Paulo - SP - Brasil

contato@baranyeditora.com.br

www.baranyeditora.com.br

Livro para Ser Livre

Todas as mulheres são Bruxas

Isabel Vasconcellos



São Paulo
2011

segunda edição

**para Wanda, que nasceu em 1912, mas já sabia
que mulheres não são menos que homens**

Conteúdo

7	Prefácio
9	Introdução
15	1. Sendo Bruxa
17	A Bruxa
27	2. Depoimento de uma Bruxa
29	A casa e o vestido
49	3. Despertando
51	Decoração
61	4. Em sintonia
64	Telefonia
69	5. Porque ser Bruxa
71	Ivete e a chuva
73	6. Vencendo o Ego
75	Depoimento de bruxa nº 2
76	Falando com Deus
81	7. Harmonia com a natureza
83	Sonia e a cobra
91	8. Brilhar
98	Presságios
101	9. Um pouco de história com o Sol e a Lua
105	Limpeza
113	10. A interação e as plantas
116	A vingança de Valentina
131	11. Amor e ódio
134	Câncer e conveniência
141	12. A escolha é sua
144	Joana sozinha
169	13. O céu estrelado e a música
173	Sonho acabado
181	14. Pensamento positivo
183	Eli, uma estrela de TV
199	15. A escada
202	Os olhos de Beatriz
219	16. As plantas, as estrelas e a cozinha

223	Marina e Eneida
233	17. Animais racionais
237	Celeste
249	18. Bruxas e política
251	Aurora, a sufragista
269	19. Um novo feminino
271	O velho prédio
293	20. Mãe
295	O corpo de Emília
307	21. O poder por trás do trono
309	Segurança
319	22. Em sintonia
322	O goulasch
325	23. A morte
326	Efêmero
331	24. Fim
333	Epílogo - Encontro com Wanda

Nunca é o fim. Nem a morte é o fim. A consciência nunca descansa, mesmo dormindo, pois sonha. Na vida, nada chega ao fim. O que há é apenas a eterna e lenta transformação de tudo. Desde as células do nosso corpo, que são outras a cada sete anos, passando pela nossa mente e alma que, pela experiência, vão se transformando e transformando a nossa maneira de ser e de agir. Tudo é dinâmico. Tudo está em constante movimento a caminho da transformação.



Prefácio

Sinto-me muito honrado com o convite para prefaciar o livro de Isabel Vasconcellos. Acompanho seu trabalho como jornalista e escritora há tempo e admiro sua facilidade em informar, sempre de maneira clara, com elevada capacidade de síntese, sem prejuízo de ser profunda ao mesmo tempo, coisa de pessoas privilegiadas. Como jornalista pioneira e ousada, tem prestado excelente serviço à comunidade com seus programas de saúde, em diferentes emissoras, trazendo muitos médicos de ponta na medicina brasileira. Como escritora, contribuiu sobremaneira para levar ao público, principalmente feminino, importantes informações sobre depressão e transtornos hormonais, sem preconceitos, sem meias verdades, como é seu estilo.

Tive a honra de editar seu romance *Fantasma da Paulista*, no qual mostra sua capacidade criativa dando vida ao fantasma de Joaquim Eugênio de Lima, que retorna periodicamente à Avenida Paulista para reencontrar o amor, e toma contato com as mudanças ocorridas na avenida e região.

Li e aprendi muito com o livro *Sexo sem vergonha*, uma obra de deixar o leitor de boca aberta pela forma rica como foi tratado o assunto, alternando atualidades científicas com literatura. Uma obra que preenche um vazio na relação de livros sobre sexualidade humana.

Isabel conhece a natureza humana, diferencia com excelência sexo de gênero, e esbanja conhecimento, experiência e a ousadia necessária para enfrentar o conservadorismo falso moralista, quando escreve seu primeiro *Todas as mulheres são Bruxas*, num momento em que o mais comum era falar em fadas madrinhas e cultivar falsos valores atribuídos à mulher. Estes falsos valores diminuem

a mulher tentando fazer dela um ser sem opinião, assexuado, antierótico e sem vida própria. Troquei ideias várias vezes com Isabel, inclusive na TV ao vivo, sobre a obra de Elizabeth Badinter, de *Um amor conquistado - O mito do amor materno*. Sei o quanto Isabel conhece a obra desta autora e o assunto gênero, e sua capacidade em se aprofundar neste assunto.

Prefere as bruxas capazes de desafiar e provocar mudanças, às fadas submissas e translúcidas.

Agora nos brinda com uma nova edição revista e ampliada, como foi concebida originalmente, de *Todas mulheres são Bruxas*, na qual mais uma vez mescla o conhecimento científico e a história em contos sensíveis, inteligentes. Viaja desde o interior de Minas Gerais, na fazenda Soledade, onde Geraldina, “a bruxa do cavalo negro”, desafia o conservadorismo, até os Estados Unidos, onde Mary Woolstonecraft e as sufragistas se mobilizam em busca dos direitos iguais aos dos homens.

Traz agora a evolução do feminismo, que não vê o homem como inimigo da mulher, nem antagonismo entre os gêneros, masculino-feminino. Na realidade, existe antagonismo entre homens desprovidos do gênero feminino dentro de si e mulheres desprovidas de seu próprio feminino, já que, ao longo da história, ser mulher foi considerado um problema e tudo aquilo associado ao gênero feminino foi objeto de todo tipo de repressão.

Este livro traz uma oportunidade excelente para revermos a relação entre gêneros e evoluirmos no sentido de tornar a sociedade mais justa e equilibrada, na medida em que procura mostrar que mulheres e homens estão no mesmo barco, para compartilhar responsabilidades e prazeres.

Dr. Wimer Bottura Jr., médico psiquiatra,
professor na Faculdade de Medicina da USP,
escritor e compositor.



Introdução

Há cerca de dois séculos e meio, as mulheres ousaram começar a se revoltar contra a sua condição social.

Parecia uma grande novidade, no final dos anos 1700, a obra da inglesa Mary Woolstonecraft, que reivindicava direitos iguais para homens e mulheres, numa sociedade em que elas não tinham direito à propriedade, ao voto, ao prazer sexual, à guarda dos filhos em caso de separação judicial e não podiam falar em público, a não ser para plateias femininas.

Reivindicar direitos iguais aos dos homens era, neste contexto, uma enorme ousadia. Mas não era novidade.

A chapeleira da rainha Maria Antonieta dizia que *só é novo o que foi esquecido*.

Foi preciso que mulheres pioneiras, organizadas e lutando por seus direitos conquistassem suas primeiras vitórias para que a memória das mulheres que, um dia, num passado remoto, foram livres, emergisse das sombras.

Embora alguns acreditem que no Antigo Egito existiu uma geração de Cleópatras ainda mais poderosas do que a Cleópatra que passou para a História, as únicas mulheres que viveram em igualdade de direitos com os homens foram as mulheres da sociedade celta.

A civilização celta – um dos povos classificados como “bárbaros” pelo Império Romano – floresceu por muitos séculos, desde cerca de 400 a.C. até a Baixa Idade Média.

No mundo dos celtas não havia diferença entre os sexos. Tanto mulheres quanto homens exerciam as diversas funções sociais, da política à religião. O sexo não era um tabu, era livre e fazia parte, inclusive, das festividades promovidas em prol da fertilidade da terra.

Essas mulheres sexualmente tão livres quanto os homens, essas mulheres que tinham poder político e sacerdotal, que sabiam manipular ervas e criar medicamentos, essas mulheres não combinavam com a visão que os romanos cristãos tinham da mulher. O cristianismo (não como filosofia de vida, mas enquanto instituição) via e vê a mulher como a detentora do pecado, a que precisa ser domada, na sua excessiva sensibilidade, pela racionalidade do homem, seu amo e senhor.

Por isso, porque não combinavam, quando a sociedade romana predominou sobre a celta, as mulheres livres foram sendo sistematicamente perseguidas, amaldiçoadas e queimadas nas fogueiras da Inquisição.

Os católicos passaram seis séculos queimando mulheres.

Toda a sabedoria das mulheres celtas foi sendo eliminada e esquecida.

Mulheres sábias, em nome da repressão dos antigos católicos, foram rotuladas como bruxas, feiticeiras, demoníacas. Muito da tradição, da sabedoria, da bondade, do domínio da intuição, muito, muito mesmo do conhecimento feminino se perdeu, espalhou-se no ar, nas cinzas das fogueiras da matança.

Nas sociedades de então, as mulheres foram perdendo o poder. Foram se calando. Ficaram submissas. Suas qualidades de mulher foram reduzidas aos rótulos de sensibilidade exacerbada, fragilidade, dependência, raciocínio inferior. E, finalmente, elas se tornaram cidadãs de segunda classe, confinadas ao universo do lar, sem papel social maior do que a maternidade.

Cem anos depois de Mary Woolstonecraft, as europeias e as americanas começaram a se organizar para lutar em prol dos seus direitos de cidadania. Queriam estudar, votar, opinar. Queriam voltar a ter voz no mundo.

Surgiram as sufragistas, as feministas e surgiram, na segunda metade do século XX, as primeiras mulheres livres na nossa sociedade.

Se hoje aprendemos a ler e a escrever, se hoje podemos votar, trabalhar, exercer o nosso direito ao prazer e à contracepção, se hoje podemos ter o nosso próprio dinheiro, se hoje já não somos tuteladas e consideradas inferiores e incapazes, tudo isso devemos às mulheres que, antes de nós, lutaram, morreram, sofreram, foram encarceradas e ridicularizadas pois queriam tudo isso (e mais) que temos hoje.

Mas ainda não é tudo.

Quando, nos anos setenta e oitenta do século passado, entramos na vida produtiva, assumimos, quase sem querer, o modelo masculino de poder, de competição, de produção. Muitas executivas e políticas dessas décadas se transformaram em homens de *tailleur* e salto alto.

Era apenas mais uma etapa de um processo de libertação feminina que ainda está longe de terminar.

Hoje, no século XXI, as mulheres precisam resgatar a bruxa dentro delas.

Hoje é preciso lembrar que podemos ter os mesmos direitos que os homens na sociedade, mas que somos diferentes deles.

Embora algumas feministas queiram negar, existem sim diferenças entre os sexos no que diz respeito à tendência de comportamento. Mulheres são mais intuitivas e mais sensíveis e seus cérebros funcionam diferentemente dos cérebros masculinos em algumas áreas como as das percepções visuais e auditivas. Terão os cérebros se moldado pela cultura, assim como se moldam tanto pelas drogas como pela psicoterapia? Ninguém sabe. O que se sabe é que, em quase todas as culturas e sociedades humanas já estudadas, as mulheres são comparadas à Lua e os homens, ao Sol.

Homens são da guerra. São do poder pela força, pela dominação dos mais fracos, pela intolerância cega de quem se julga possuidor das verdades. Homens são lineares: para frente e para o alto, derrubando o que estiver no caminho! Possuindo, dominando, com a força da testosterona e o brilho ofuscante da luz solar.

Mulheres são cíclicas como a lua. Mulheres são da paz, da conciliação, do amor materno, da tolerância, da compreensão. Mulheres têm fases: 15 dias de estrogênicas, brilhantes, sedutoras. Outros 15 dias, progesterônicas, maternais, recolhidas, acolhedoras. Mulheres são sinuosas: em vez de derrubar e destruir os obstáculos, contornam-nos, driblam-nos e seguem em frente, com a suavidade do luar.

Mulheres são mães e por isso a natureza deu a elas uma coisa a qual chamamos de sexto sentido: a nossa feroz, a nossa imbatível e muito pouco falível (quase infalível!) intuição.

Somos a outra metade da vida. A metade que foi brindada pela natureza com a capacidade de gerar, de ser mãe. E, por isso mesmo, foi brindada também com todas as capacidades do sexto sentido.

São essas capacidades, as do sexto sentido, que ainda estão latentes e adormecidas dentro de nós. É o nosso lado bruxa, cruel e historicamente reprimido num mundo de guerra, num mundo onde o poder era apenas masculino e, portanto, desequilibrado.

O mundo é feito de mulheres e de homens. Para mulheres e para homens.

Depois de milênios sendo governado e dominado apenas por um lado, o masculino, não é de se admirar que falte, nas relações humanas, exatamente o que caracteriza a magia feminina: o amor, a compreensão, a tolerância, a capacidade de conciliação.

E estes dons femininos nascem todos na intuição. Nascem nos cérebros femininos, que os homens tanto rotularam de “pouco racionais”.

Muito mais intuição do que razão e a razão que nasce da intuição: assim é a cabeça feminina. A sabedoria popular sabe bem que o coração tem razões que a razão desconhece.

O mundo só encontrará o equilíbrio quando o poder estiver também equilibrado entre a razão e o coração. Entre a cabeça da mulher e a cabeça do homem. Entre o estrogênio e a testosterona.

Neste início do século XXI, algumas empresas, as mais modernas, começam a perceber que as mulheres têm uma contribuição diferente a dar ao mundo produtivo: elas têm essa tal da intuição, que pode funcionar muito bem na hora da decisão nos negócios.

Para elas, uma grande novidade. Para elas, nada de novo. Desde que o mundo é mundo, as mulheres sabem muito bem que podem e devem confiar na sua intuição e nas suas capacidades mentais que estão além da razão.

Estas capacidades “mágicas” femininas certamente estiveram, ao longo da história da humanidade, em algum momento histórico, mais bem estruturadas, codificadas e foram usadas com mais propriedade do que as usamos hoje. Mas isto se perdeu, se perdeu na própria história cristã de repressão ao

sexo feminino, na dominação patriarcal e na submissão das mulheres. Sobraram apenas as lendas, falando de fadas, magas e bruxas que usavam seus poderes para o Bem ou para o Mal.

A Natureza é sábia. Dotou as mulheres de percepção extrassensorial para que estas pudessem sobreviver em tempos primitivos, quando a força física do macho era determinante para enfrentar os muitos perigos do mundo. Deu a elas uma extrema capacidade intuitiva para que pudessem proteger melhor a sua cria, para equilibrar a força física do homem com a sua força mental.

Depois, veio a sociedade patriarcal. E, por milênios, foi incutida nas cabeças femininas a sua inferioridade. O que era dom foi transformado em fraqueza. A extrema sensibilidade das mulheres, no mundo apenas racional dos homens, passou a ser vista como sinal de fraqueza, de inferioridade.

A Natureza, porém, fala mais alto que os costumes sociais.

Embora recalçadas, as mágicas capacidades femininas sempre se manifestaram, ao longo da História.

Agora é o momento de as mulheres assumirem de vez que têm, todas elas, uma bruxa dentro de si. Assumirem que são capazes, sim, de intuir, de prever o futuro, de moldar o destino, de modificar os acontecimentos. Agora é o momento de recuperar a bruxa que existe em cada uma de nós, mulheres.

Precisamos reconstruir tudo. Precisamos sistematizar as nossas capacidades mentais, erroneamente chamadas de “mágicas”. Precisamos ter a coragem de assumir esse lado maravilhoso da nossa alma. Precisamos tomar consciência de que realmente possuímos um dom que é privilégio do nosso sexo.

O nosso planeta precisa de mulheres dividindo com os homens o poder, as decisões, o diálogo.

Mas não mais daquelas mulheres que se masculinizaram para conquistar um lugar ao sol no mundo produtivo, na vida política. Mas sim de mulheres que estejam nas empresas, nas assembleias, nas igrejas, na política, na vida artística, com a sua alma feminina por inteiro. Ou seja, resgatadas as capacidades de seu sexto sentido, seu instinto materno, sua intuição (coisas que, para os homens, parecem mágicas, mas que para nós são tão naturais como respirar).

Todas as mulheres são Bruxas - Isabel Vasconcellos

Está na hora de resgatar a bruxa que perdemos ao longo do caminho.

E colocá-la a serviço da humanidade.

Redescobrir a feminilidade que o poder masculino tentou destruir é a proposta deste livro.



1

Sendo Bruxa

Porque as mulheres sempre ocuparam uma posição de inferioridade social, a intuição jamais foi levada a sério. Nem mesmo se pode afirmar que exista, de fato, essa coisa chamada intuição. Caladas, as mulheres viveram séculos e séculos sabendo muito bem que, embora nada científica, a intuição é uma realidade. Como ela se processa? Que mecanismos podem levar a nossa cabeça a intuir alguma coisa que ainda não é, mas será? Ninguém sabe. Ainda. Isso, no entanto, não me parece motivo para negar uma realidade que simplesmente vivenciamos. Não que os homens sejam destituídos de intuição, eles também vivenciam isso, mas não com a mesma frequência e intensidade das mulheres.

Em algum lugar na memória das células do nosso corpo, em algum lugar no nosso inconsciente coletivo, de alguma maneira através da Tradição contada de geração a geração, o valioso conhecimento das magas-bruxas sobrevive até hoje e está entre nós.

As mulheres europeias são as filhas das bruxas antigas, e foram as europeias que colonizaram as Américas. As herdeiras das bruxas, porém, são ocidentais. Não existem bruxas japonesas, exceto talvez no Brasil, modernamente. Do Oriente veio também para a nossa cultura muita magia. A sabedoria milenar da China, a arte do I Ching, os mantras indianos, etc. Tudo isso foi se misturando no caldo cultural brasileiro. E ainda temos a sabedoria das velhas africanas, escravas, com seus ritos e suas comidas especiais e, mais ainda, o conhecimento das velhas índias do manuseio das ervas.

No Brasil, existem muitas escolas de mistério, as famosas ordens esotéricas, isso sem contar os terreiros de umbanda, quimbanda ou candomblé, inúmeras

agregações que se reúnem em torno de alguma corrente esotérica, além das igrejas evangélicas e eletrônicas, que também praticam seus rituais de magia. E ainda tem os ciganos.

Astrólogos, bruxos, magos, pais de santo, pastores, cartomantes, adivinhos, povoam o nosso cotidiano com seus supostos poderes de manipular energias apenas intuídas ou adivinhadas.

Mas não é exatamente desse tipo de magia que eu quero falar. Volto-me para a magia do cotidiano, a que se exerce sem maiores rituais que não o manuseio da matéria. Ou seja, coisas tipicamente femininas como cozinhar, limpar a casa, cuidar das plantas. Quero falar da magia do pensamento, da capacidade que temos de dirigir nossos pensamentos, de maneira simples, e não nos deixarmos dirigir pelos nossos pensamentos, como mais frequentemente ocorre.

Estou falando das bruxas modernas e anônimas que, quase de maneira intuitiva, manipulam aquelas tais das supostas energias e usam isso a seu favor. Todas nós somos muito mais bruxas do que supomos. Basta aprender a usar a intuição e o pensamento e ter consciência, por exemplo, do verdadeiro ritual alquímico que é preparar um bolo.



A Bruxa

Na pequena cidade do interior de Minas, ela era conhecida como A Bruxa. Tinha o hábito de sair, todas as tardes, em caminhada. Vestida de negro, os longos cabelos soltos que lhe batiam à cintura, sempre puxando o belo cavalo, ele todo escovado, a crina competindo em brilho com a cabeleira dela. Cumprimentava, taciturna, com um gesto elegante de cabeça, os que cruzavam o seu caminho. Mas não dizia palavra.

Morava na velha fazenda Soledade, improdutiva há muitos anos, abandonadas as roças, vazios os pastos, o imponente casarão enegrecido pela umidade, portas e janelas carcomidas pelo tempo. Só um pequeno jardim, em frente à casa, florescia. Ela mesma cuidava dele e o povo da cidade se perguntava como e de que conseguia ela sobreviver. Morrera-lhe o marido, há mais de vinte anos e, desde então, a fazenda fora caindo, caindo... Foram-se os colonos, os agregados, os funcionários. Foram-se as empregadas, algumas morreram, e a sede, que em tempos áureos, era motivo de orgulho para o povo, com suas festas memoráveis, das quais participavam importantes figuras da política nacional, agora jazia entregue à lenta e voraz destruição do tempo. Só ela morava lá agora.

O filho, famoso na região por seu insaciável apetite por mulheres, jogo e bebidas, estava internado num manicômio. Alguns diziam que ele enlouquecera, de tanta droga e álcool. Outros, que ele cometera um crime em São Paulo e que os advogados haviam alegado insanidade mental.

A filha, conhecida por seus hábitos masculinizados, ainda salvara parte do patrimônio da família e, por mais de uma década, fizera próspero um sítio, delimitado entre as vastas imensidões de terra da Soledade, onde criara animais usando as mais modernas tecnologias, industrializando mesmo os frangos e porcos, fazendo dinheiro fornecendo a grandes redes de supermercado, seus bichinhos congelados. Um câncer a matara e sua companheira, uma jovem frágil e bela, abandonara tudo e partira, sabe Deus para onde.

Só ela, a bruxa, sobrara. E era o grande mistério da pequena cidade. Como conseguiria ela pagar os impostos de tanta improdutiva terra? Mas ela os pagava. Como sobrevivia sozinha naquele monte de ruínas em que, dia a dia, ia se transformando a outrora majestosa Fazenda Soledade? Mas ela sobrevivia. Como se alimentava, se jamais era vista comprando mantimentos? Mas lá estava ela, viva e forte, todas as tardes, em seu desfile pela cidade, puxando o cavalo, também belo e forte como ela. Quantos anos teria ela? A cidade fazia as contas. Uns diziam 70, outros 90, e havia quem jurasse que ela já passara dos cem.

Geralda Magalhães de Almeida era o seu nome. Todos a conheciam como Geraldina. Corria uma lenda sobre a sua história. Há muito, muito tempo, o jovem José de Almeida se aventurara pelos garimpos de Minas atrás do ouro que ainda restava nesses tempos de República. Tivera sorte, achara uma mina e dela tomara posse. Durante alguns anos explorara o veio, tirando dali uma pequena fortuna. Quando o veio se esgotou, ele se instalou na pequena cidade mineira, comprando algumas terras e anexando outras sabe-se lá por que meios. Mas quando chegara à cidade, trazia consigo aquela mulher índia. Diziam que ela o encantara com os misteriosos feitiços das tribos que habitavam as fronteiras de Goiás. O velho José arranjara, no cartório da cidade, (tudo, com ouro, era possível no Brasil!) uma certidão de nascimento para a índia e pusera nela o nome de Geralda Magalhães. Depois, casara-se com ela, com direito à festa de arromba, cerimônia na Igreja e tudo o mais.

Outros, porém, acreditavam que essa história de índia não passasse de lenda, que ela era mesmo uma Maria ninguém, uma das tantas Magalhães que existiam naquele estado.

Caso se olhasse bem para ela, só os cabelos pareciam denunciar-lhe uma origem indígena. A pele era clara demais, a ossatura delicada demais.

A cidade inteira sabia que ela era velha, muito velha. Mas um forasteiro desavisado, que a visse em seu passeio vespertino, assim não julgaria. O rosto sem rugas, a pele meio esverdeada é verdade, mas ainda firme e esticada, o cabelo negro como a mais escura noite, um negro de breu, brilhando ao sol da tarde, o corpo esguio e ainda altivo...

No entanto, a cidade fazia as contas: na década de 1950, seu filho escandalizava o lugar com suas orgias e aventuras e já teria ele uns 20 e tantos anos de idade... Pela misteriosa juventude preservada, pelos trajes negros, pela sobrevivência misteriosa, pelo hábito de caminhar pela cidade todas as tardes, pelo inacreditável cavalo negro que a acompanhava, pelo insólito daquela figura fora de época, no meio dos coloridos automóveis, pela força inexplicável que sua figura transmitia, por tudo isso, ficou Geraldina conhecida como A Bruxa.

A cidade, porém, embora se ocupasse um pouco com o mistério dela, tinha seus próprios interesses e afazeres. Ninguém iria se preocupar demais com a bruxa. Riam, comentavam, inventavam hipóteses, histórias, mas era só isso.

Certo dia porém, passou por ali uma equipe de reportagem de uma grande rede de televisão. Não que a pequena cidade fosse alvo do interesse de jovens jornalistas à procura de notícias sensacionais. Acontecera apenas o carro de externa, cheio de equipamentos caríssimos, ter caído num monumental buraco na estrada e quebrado a ponta de eixo. Assim, a equipe teve que procurar ajuda na cidade mais próxima. E foi parar lá. Era uma equipe de reportagem que estava se dirigindo, por terra, do Rio de Janeiro a Ouro Preto, onde gravaria um especial sobre a cidade histórica, patrimônio da Humanidade. Mas quis o destino levá-los até lá. Fim de tarde, embebedavam-se de cerveja num boteco ao lado da única oficina mecânica, onde o caminhãozinho da externa estava sendo consertado, quando viram passar Geraldina em sua solitária e cotidiana caminhada, com o cavalo a reboque.

– Nossa! Que figura é aquela? – exclamou a chefe de reportagem.

O câmara ajeitou suas objetivas e saiu correndo para flagrar a insólita cena: uma

mulher que parecia saída de outro século, toda vestida de preto, puxando um majestoso cavalo.

A repórter correu em sua direção, ajeitando o microfone.

E o dono do bar alertou com um grito:

– Cuidado com ela! É uma bruxa.

Passando entre os automóveis, a equipe atravessou rapidamente a rua e a alcançou. A repórter colocou o microfone perto da boca de Geraldina e perguntou:

– É verdade que a senhora é uma bruxa?

A bruxa apenas sorriu, mostrando uma dentadura extremamente branca e saudável, e continuou, impassível, em sua marcha.

– A senhora não quer falar conosco? – insistiu a moça.

Nada. Geraldina continuava impassível.

E assim foi por bem uns dois longos quarteirões. A equipe de reportagem acompanhando a marcha de Geraldina, a repórter insistindo em fazer perguntas, sem obter nenhuma resposta. Quando todos pararam numa esquina movimentada, esperando que abrisse o sinal de pedestres para que pudessem atravessar a rua, a bruxa levantou solenemente a mão esquerda. E um estranho desânimo tomou conta de todos. O câmara abaixou sua máquina. A repórter deixou cair o braço que sustentava o microfone. O cabo man estancou.

– Bah! – exclamou a moça da TV – deixa pra lá. É apenas uma velha louca! Daqui não vamos tirar nada.

O sinal abriu e ficaram os três ali na calçada, subitamente desinteressados e Geraldina atravessou a rua, placidamente, seguindo seu caminho de volta em direção à Soledade.

Voltou a equipe de TV, desanimada, para o bar.

– Conseguiram arrancar alguma coisa dela? – perguntou o dono do boteco.

– É apenas uma velha louca – disse a repórter, sentando-se.

– Ela é uma bruxa – insistiu ele.

– Quem é ela? – perguntou a repórter.

– Ela é o mistério dessa cidade. Vive sozinha numa velha fazenda em ruínas, ninguém sabe como sobrevive assim só no meio de tanta terra abandonada.

– Muita terra?

– Léguas e léguas.

– E ninguém dos sem-terra veio aqui invadir uma propriedade assim grande e improdutiva?

– Vieram sim, moça. Mas nem conseguiram chegar ao portão. Foram atacados por uma matilha de lobos selvagens e alguns deles ficaram seriamente machucados. Saíram rapidinho daqui e foram para o município vizinho, ocupar uma outra fazenda.

– Lobos? Existem lobos nessa região?

– Foi o que disseram, moça. Mas ninguém nunca tinha ouvido falar em lobos por aqui, nem nunca, depois disso, apareceu lobo algum. Mas os homens e mulheres estavam mesmo mordidos, as roupas rasgadas. Pode perguntar lá no PS. Muitos foram atendidos lá e depois se mandaram. Nem queriam ouvir falar na Soledade.

– Soledade?

– É esse o nome da fazenda da bruxa.

– E vocês têm medo dela, dessa tal bruxa? – perguntou o câmera.

– Medo não. Mas ninguém mexe com ela. Como ela também não mexe com ninguém, fica por isso mesmo.

– Mas por que acreditam que ela seja uma bruxa?

– Sei lá. É o que o povo fala.

Assim, pouco a pouco, conversando aqui e ali, a equipe de reportagem ficou sabendo do que a cidade sabia sobre Geraldina. Foram ao caminhão de externa, assistiram a fita que tinham feito dela e ficaram impressionados com as imagens: a mulher tinha mesmo uma presença forte e, no vídeo, isso ficava evidente. Comunicaram-se com a diretoria de jornalismo da rede e obtiveram permissão para ficar mais uns dias ali, tentando, afinal, fazer uma matéria sobre a estranha figura. Na manhã seguinte, carro consertado, estacionaram a poucos metros do portão da sede da fazenda. Já tinham feito várias imagens da casa em ruínas e dos arredores. Parecia cena de filme de terror. Uma estranha névoa pairava sobre os campos da Soledade, tudo era abandono, desolação, não fosse pelo pequeno e vibrante jardim na frente da casa.

O portão enferrujado no centro do muro meio destruído estava semi-aberto. Câmera em punho, resolveram entrar. Empurraram o enorme portão, que rangeu, e mal puseram os pés nas terras da fazenda, viram aquela estranha mancha que se deslocava na direção deles. Foi só um segundo e perceberam que eram enormes cães negros, correndo muito juntos, ameaçadores, mas silenciosos. A visão foi tão apavorante que saíram correndo também e se refugiaram no carro de externa. Rapidamente estavam cercados por dezenas de enormes cães negros, que arranhavam a carroceria, alcançando mesmo as janelas e fazendo balançar o caminhãozinho. Mas, estranhamente, os animais não produziam um ruído sequer, não latiam, e suas enormes patas arranhavam a pintura do carro, sem nenhum ruído. A equipe suava frio, em pânico.

– Filma isso! Filma isso! – gritou a repórter para o câmera que, tremendo, pôs-se a filmar a estranha fúria dos bichos, de dentro do carro.

O ataque dos cães ao pequeno caminhão de externa não durou mais de cinco minutos. Mas foram, certamente, os mais longos cinco minutos da vida daquela equipe. Depois, os animais se afastaram, silenciosos, e sumiram no meio do mato. O caminhãozinho ficou realmente arranhado e até o logotipo da emissora se tornou uma confusão de cores, indistinguível. Os quatro saíram do carro, ainda com muito medo, e foram conferir os estragos.

– Que coisa! – disse o cabo man – Esses cães parecem mesmo ter saído do inferno! Devem ter sido eles que atacaram os sem-terra. Essa velha não quer visitas!

– Bote a fita no tape – disse a repórter. Eu não entendo como pode ter sido isso, eles são mudos, não fizeram um ruído sequer. Vamos ver a fita.

No tape, apenas a imagem, gravada de dentro do carro, da paisagem balançando. Nenhum animal fora registrado.

– Droga! – gritou a repórter para o câmera – Você não conseguiu filmar nenhum deles?

– Juro que eu filmei – respondeu ele, suando frio. – Juro que focalizei o focinho deles, as patas arranhando o carro... Não entendo como não estão aqui.

– Bem, pessoal – disse a moça – é melhor manter a calma... Isso não foi uma ilusão porque o carro ficou bem danificado... Não entendo... Mas também não vou